

SEM ENGAJAMENTO NEM LIBERTAÇÃO CULTURAL NÃO HÁ INTEGRAÇÃO NO REAL MOÇAMBICANO

— alocução de Marcelino dos Santos no ciclo de palestras
dos preparativos do I Seminário Nacional da Informação

O Seminário Nacional da Informação vai iniciar-se dentro de dias. Mais exactamente: dentro de dias o Seminário chegará à sua fase final.

Com efeito ao longo dos últimos três meses, vocês têm vindo a realizar um grande esforço de preparação do Seminário com vista a criar as melhores condições do seu sucesso, e a fazer com que as conclusões do Seminário sejam uma luz mais clara para todos os trabalhadores da Informação engajados no combate geral do conjunto dos trabalhadores de Moçambique contra os vestígios do colonialismo, contra o capitalismo e o imperialismo, para a consolidação da nossa independência, para a reconstrução nacional, para a defesa da nossa soberania e da integridade do nosso território, para a defesa das conquistas da luta de libertação nacional, para acelerar a libertação de todo o nosso continente dos últimos bastiões do colonialismo e do racismo, para edificarmos o estado de democracia popular, marchando para o socialismo.

O Seminário Nacional da Informação é portanto uma iniciativa que todos saudamos com entusiasmo.

Primeiro, porque a Informação diz respeito a todos nos, ela entra em nós quer queiramos quer não, somos informados ou desinformados, formados ou desformados, mobilizados ou desmobilizados, organizados ou desorganizados. Seja pela Rádio ou pelo cartaz, pelo Cinema, pela Imprensa, ou pelo jornal do Povo.

Segundo, porque, na Informação — como em qualquer outro sector — ou assumimos a acção, ou somos por ela levados, dominados. E, sobretudo num país como o nosso que está a fazer a revolução, tudo diz respeito a todos.

Sabendo sempre que há sempre os Responsáveis em cada Sector. E neste Sector da Informação, os Responsáveis principais pela acção são os trabalhadores da Informação.

Mas nós queremos saudar também a maneira como o Seminário está a ser preparado.

A participação de diversos sectores da informação, o esforço para obter ou fazer participar a população em geral, a organização estruturada das discussões no seio dos trabalhadores da Informação, são aspectos que por si só revelam um sentido ele-

Isto quer dizer, que há uma diferença cultural, que é preciso eliminar.

Como?

Certamente não por mistura.

Então, será por síntese?

Direi que sim.

Mas que significa isso na prática?

Quem cria cultura é o Povo. O facto cultural, é um facto popular. É no processo do trabalho, de produção que a cultura nasce e se desenvolve.

Este ponto creio que todos concordamos com ele.

É a partir do acto de produção, — acto fundamental para o desenvolvimento do homem — que a cultura aparece noutros momentos e aspectos da nossa vida: nas cerimónias de nascimento, casamento, morte, nas ocasiões de divertimento, na arte de cozinhar o que comemos, etc.

Se assim entendermos o processo cultural, então aceitamos que os valores de base resultantes da síntese serão obrigatoriamente os valores culturais dos trabalhadores, quer dizer, aqueles homens de origem africana, aqueles que no nosso País, pela força da história, foram e são os trabalhadores.

Aqueles de cultura portuguesa, quer sejam eles de origem portuguesa ou não, que não compreenderam este facto, significa que ainda não completaram o processo do nacionalismo.

E porque ainda não fizeram este combate, ou não o terminaram, isso significa que permanecerá difícil a comunicação entre

esses elementos pequeno-burgueses e a massa do Povo, significa que perante os mesmos problemas, a sensibilidade é diferente.

Não havendo, integração, não há conhecimento mútuo, não há conhecimento da vida do Povo. Isto vê-se na prática.

Muitos de vós não vão às reuniões, não realizam as tarefas colectivas, porque há diferenças.

Creio que vocês concordam comigo, e não contestarão, nem dirão que estou a exagerar.

Eu compreendo perfeitamente isso. Mas temos que lutar contra tal situação.

O que devemos saber, é que para vencer e ultrapassar esta situação, isso requer sacrifícios, e saber também que começar é que é difícil.

Quando formos à primeira reunião, sentir-nos-emos isolados, e não teremos que dizer. Na segunda vez, haverá — já — em comum, a matéria da 1.ª reunião. E o processo estará desencadeado.

Não saberemos cantar as canções, tanto mais que muitas nem são em português, nem saberemos dançar chigubo ou Makuaya. Mas aprenderemos e a comunicação estabelecer-se-á. Assumiremos as danças e as canções — as danças e os cantares dos indígenas como diziam os colonialistas portugueses — que são nossos, do nosso Povo, com muito orgulho, e estaremos assim integrando-nos no real moçambicano.

(De: "Notícias", Maputo, 1977-09-09)